



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Muito além dos padrões: as emoções como objeto interdisciplinar

Gisele Toassa

Como citar: TOASSA, G. Muito além dos padrões: as emoções como objeto interdisciplinar. *In:* ALVES, M. A. (org.). **Cognição, emoções e ação**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 335-358.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-019-1.p335-358>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

MUITO ALÉM DOS PADRÕES: AS EMOÇÕES COMO OBJETO INTERDISCIPLINAR

Gisele Toassa

Universidade Federal de Goiás – UFG
gtoassa@gmail.com

INTRODUÇÃO

Palavras/locuções significantes de emoções existem em todas as línguas. Permanente desafio de compreensão dos homens por eles mesmos, caro às ciências humanas e biológicas, além da filosofia, as emoções vêm sendo objeto de múltiplas abordagens, conforme Arno Engelmann (1978). Sua natureza e o modo adequado de conhecê-las permanecem sendo alvo de muita controvérsia.

Apesar disso, Engelmann e Lev Semionovich Vigotski (LSV) (1933/2004) assinalam a vagueza e inadequação do conceito de emoção. Em busca de uma teoria histórico-cultural da consciência, Vigotski (2004) dedicou-se à análise de obras de um das mais antigas e influentes perspectivas da tradição darwinista, a teoria periférica das emoções (doravante, TPE) ou teoria James-Lange¹. Em outro trabalho (TOASSA, 2009) utilizei a expressão *darwinismo social* para essa tradição que busca priorizar as explicações acerca da origem e natureza das emoções humanas a partir da finalidade adaptativa das mesmas, hiperssimplificando sua diversidade, sua riqueza cultural, sua natureza simbólica ao equiparar a noção darwiniana de ambiente à de sociedade humana. Neste sentido, eu já intuía serem raras as iniciativas interdisciplinares que lograssem definir a confusa ideia de emoção.

Como de praxe, durante minha pesquisa de doutorado empreendi peregrinações a bibliotecas e livrarias; fiz perguntas a especialistas; levantamentos bibliográficos exploratórios em bases de dados de diferentes áreas do conhecimento com o fim de identificar temas e perspectivas hegemô-

¹ Um exemplar mais recente – e sofisticado – dessa mesma tradição é “Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos”, obra de António Damásio. Veja análise em Toassa (2009).
<https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-019-1.p335-358>

nicos na pesquisa contemporânea sobre as emoções. Priorizando o inglês como *lingua franca* da ciência, para minha confusão, localizei milhares de registros com o termo “emotion”². Esse número trouxe à tona imensa diversidade de materiais/problemas de pesquisa, além de certa impressão de “incomunicabilidade” entre os campos do conhecimento, ou seja, da dificuldade para se extraírem conclusões em comum a diversas disciplinas acerca da natureza das emoções humanas.

Não obstante, em uma visada mais geral, algumas regularidades foram percebidas: nos campos de conhecimento vinculados às ciências biológicas e da saúde humana, o darwinismo social apresentou-se como o principal paradigma de pesquisa das emoções. Por outro lado, levantamentos em uma base de dados das ciências sociais, o JSTOR (abreviatura de *Journal Storage*), sopraram o grande fôlego de outras perspectivas (como a psicanálise e a etnolinguística culturalista). Suas marcas situavam-se no qualitativo, no simbólico – preocupação importante, mas não suficiente, para que avançássemos com relação ao objetivo principal do projeto vigotskiano: compreender as múltiplas manifestações da vida emocional humana, desde suas origens animais às formas mais complexas, especificamente humanas, como o amor romântico. Para LSV, tanto a compreensão do sentido das emoções (problema afim à psicologia descritiva de Dilthey) quanto de sua causalidade natural (enfrentada pela TPE) precisariam ser trabalhados pela mesma teoria. Vigotski, então, elevava a interdisciplinaridade a um primeiro plano, e meu mergulho no recurso tão prestigiado, embora tantas vezes dispersivo e inútil, do levantamento bibliográfico em bases de dados não respondeu às minhas principais perguntas: as ideias de LSV seriam verdadeiras ainda hoje, e passíveis de aplicação em nossos tempos? Uma sofisticação tão densa de problemas, campos e metodologias de pesquisa das emoções não teria relegado suas ideias ao ocaso? Seria possível

² Um desses levantamentos foi empreendido na base de dados PubMed, em outubro de 2008, base de dados mantida pelo U.S. National Library of Medicine e pelo U.S. National Institutes of Health, especializada em publicações de ciências médicas e biológicas. Um olhar geral sobre os registros localizados mostrou-nos alguns objetivos recorrentes: definir os papéis deste ou daquele sistema/região encefálica(a) nos processos emocionais, definir e aplicar modelos experimentais para testes de medicamentos, descrever as manifestações emocionais desta ou daquela síndrome neurológica ou psicopatológica, propor métodos de tratamento psicoterápico, lançar hipóteses criminológicas, discutir interações grupais. Obtiveram-se referências a 9.067 artigos com o termo “emotion” no título ou resumo, 7.846 deles reportando pesquisas (principalmente clínicas) realizadas com humanos; 2.961 com o termo logo no seu título. Traduções do descritor para línguas como francês, espanhol e italiano não alteraram significativamente o perfil dos resultados (TOASSA, 2009).

executar uma integração tão ambiciosa dos estudos sobre elas, tal como desejava o autor? Sem respostas que atravessassem diversas disciplinas, o projeto de Vigotski seria impossível de se retomar em nossos tempos.

Meu encontro com o livro que me permitiu responder positivamente a tais indagações foi puramente casual. Perdido em uma livraria da Avenida Paulista, lá estava o único, ousado texto cujo conteúdo comparava-se ao projeto de LSV. Nem soviético, nem marxista, Jerome Kagan (2007)³ publicou um livro que passou praticamente despercebido no Brasil: “O que é emoção? História, medidas e significações” [*What is emotion? History, measures and meanings*]. Kagan não reivindica descendência direta do darwinismo, mas muito se utiliza dele na explicação de especificidades biológicas da espécie humana, combinadas com a leitura de uma considerável bibliografia filosófica, antropológica e de sua especialidade: a psicologia do desenvolvimento.

Combinando análise descritiva de autores pertencentes a diferentes espaços e épocas, o presente capítulo deve delinear a crítica de Vigotski (2004) à teoria periférica das emoções (TPE), em seus pressupostos mecanicistas, dualistas, que privilegiavam os estudos com animais e o darwinismo como paradigma mesmo para pesquisa de problemas relativos à sociedade humana. LSV sustentava a ideia de que, sob o ponto de vista de sua ontologia, as emoções são fenômenos complexos, concretos e multideterminados, demandando a construção de uma ciência interdisciplinar. Parafrazeando famosa ideia do Manuscrito “Psicologia Concreta do Homem” (VIGOTSKI, 2000), segundo a qual *pensa não o pensamento, mas sim a pessoa* – podemos afirmar que este texto procura mostrar como *se emociona não a emoção, mas sim a pessoa*, o sujeito em sua totalidade.

Em conexão com algumas ideias básicas do projeto de LSV para uma nova ciência das emoções, devo expor certos pressupostos fundamentais de Vigotski sobre a natureza delas, a saber: sua negativa de que as emo-

³ Nascido em Newark, New Jersey, EUA, Jerome Kagan (nascido em 1929) notabilizou-se pela pesquisa do temperamento, emoção e cognição na primeira década da vida humana, acompanhando muitas crianças a longo prazo. Atualmente, é Professor Emérito da Harvard University e diretor do *Mind/Brain Behavior Interfaculty Initiative*. Criticou a Teoria do Apego de John Bolwby, entre outras, defendendo que as experiências dos primeiros anos de vida são menos determinantes para a personalidade adulta do que se pensa (ALIC, [20--?]). O reconhecimento da importância de sua obra sobre as emoções não representa um alinhamento da autora deste capítulo para com ideias expostas em outros trabalhos do autor.

ções fossem simples sensações do corpo, ou fenômenos meramente físicos (o que separava a consciência em duas séries de fenômenos, os espirituais/ideacionais e os físicos). Em consequência, apenas uma combinação de métodos – incluindo a análise dos relatos verbais das vivências; estudos experimentais das funções desempenhadas por diversas regiões do cérebro etc. – poderia dar à luz uma nova ciência das emoções, expondo sua natureza multicausal. Em seguida, devo expor uma sucinta descrição das contribuições de Kagan (2007) sobre tais pressupostos, partindo de sua percepção de que as ideias sobre as emoções na psicologia conectam quatro fenômenos imperfeitamente relacionados: 1) uma mudança no perfil da atividade cerebral para selecionar recompensas ou punições; 2) alteração conscientemente detectada no *sentimento* desse processo de seleção; 3) processos cognitivos que interpretam e/ou rotulam o sentimento com palavras (atribuição de sentido); e 4) uma prontidão para uma resposta comportamental.

1 VIGOTSKI E O FUTURO (DO PRETÉRITO) NA PSICOLOGIA DAS EMOÇÕES

O “Estudo sobre as emoções” ou *Teoría de las emociones* é um manuscrito inacabado de Vigotski, redigido aproximadamente entre 1931 e 1933 (última versão datada de 1933). Recebeu vários títulos e teve partes publicadas no *Voprosy Psikhologii* (1968) e *Voprosy Filosofii* (1970), conforme salienta Yaroshevsky (1999)⁴.

Na sua primeira e única parte, o “*Teoría...*” sintetiza as críticas vigotskianas ao legado da TPE a partir do relato de experimentos biomédicos da atividade nervosa superior com animais, estudos filosóficos, antropológicos e análises clínicas de pacientes com lesões cerebrais locais, defendendo que tal disputa científica era uma reedição não apenas da antiga querela entre Descartes e Espinosa, mas também da guerra travada entre materialismo e idealismo no plano filosófico. O texto foi redigido de forma concomitante à popularidade da teoria periférica na Rússia, onde a psicologia reatológica considerava a TPE “materialista” (VIGOTSKI, 2004). Através do “*Teoría...*”, Vigotski executa um primeiro objetivo de

⁴ A principal obra, aqui analisada, na qual o bielorrusso Vigotski expõe suas contribuições sobre o tema é o “Estudo sobre as emoções” [*Utchenie ob Emotsijakh*], publicada em pelo menos três traduções: ao inglês, espanhol e francês. Veja Vigotski (1999b, 2004).

sua pesquisa: refutar a TPE, negar seu suposto materialismo e expor seu dualismo (integrando filosofia, fisiologia, neurologia e psicologia clínica na resolução dos problemas então existentes no âmbito das emoções). Uma de suas inspirações foi a ampla comemoração nacional do jubileu de Espinosa – filósofo nascido em 1632 – em 1932.

Dois trabalhos basilares para a história da psicologia e, também, para nossa discussão, foram os de William James e Carl Lange: em 1884, James (1967), americano com passagens pela medicina, filosofia e psicologia, publica um artigo intitulado *What is an emotion?* no *Mind* (republicado em seus *Principles of Psychology* (JAMES, 1890)). De forma completamente independente, o anatomista e fisiologista dinamarquês Lange lançou, em 1885, o livro *Emotions*, com ideias essencialmente iguais às de James. Tal concepção passou a ser denominada de teoria James-Lange, ou teoria periférica das emoções. A intimidade de Vigotski com o debate fisiológico pode ter se fundamentado nos estudos de medicina que ele realizava, embora jamais tivesse obtido o diploma de médico (LEONTIEV, 2005). Nossas reflexões têm dado prioridade à discussão entre Vigotski e James, devido tanto à dificuldade em obter os de Lange, mas também à importância de James na trajetória acadêmica de Vigotski (TOASSA, 2012).

Primeiro filho de um teólogo milionário, William James (1842-1910) cresceu em Massachussets, New York e New Hampshire para tornar-se uma “metamorfose ambulante” intelectual. Sua juventude foi marcada pela transição entre campos do conhecimento, terminando com uma profunda crise existencial permeada pelo conflito entre ciência e religião. Os seus *Principles of Psychology* foram influenciados pelo livro homônimo de Herbert Spencer (1820-1903), que deu expressão filosófica às ideias darwinianas. Spencer expandiu-as para além da biologia, construindo a imagem de um Universo e uma sociedade humana que tendem à contínua evolução, progresso, adaptação, na forma conservadora do darwinismo social: atribui-se a Spencer a noção de que o princípio da “sobrevivência dos mais aptos” regule a sociedade.

A aproximação de James ao pensamento desse autor não expressa adesão a um materialismo mecanicista. A oscilação juvenil de James entre ciência e religião deixou marcas em seu pensamento: como notou Vigotski, mesmo ao louvar as virtudes dos métodos objetivos, fisiológicos, e da adaptação, James permanecia dualista. Os impasses da passagem da psicologia

à condição de ciência são perceptíveis nas misturas de termos oriundos da filosofia e da fisiologia. Uma das características mais intrigantes nos *Princípios de Psicologia* é

[...] o aparente **paradoxo** no qual James recaiu. James utilizou **classificações tradicionais tais como instinto, sensação, percepção, racionalidade, desejo e emoções**, na descrição da consciência, obviamente tentando manter o foco na perspectiva positivista de uma psicologia fisiológica. (SECH JÚNIOR, 2010, p. 11, grifo nosso).

Assim, James (1890) inicia seu capítulo sobre as emoções declarando sua intenção de debater apenas aquelas dotadas de indefectível expressão corporal, ou seja, as emoções-padrão (*standard emotions*): surpresa, curiosidade, êxtase, medo, raiva, luxúria, cobiça etc, deixando de lado sentimentos morais, intelectuais e estéticos, edificados sobre essas emoções primárias. Tal como Darwin, acreditava que as perturbações corporais observáveis eram a expressão ou linguagem natural das emoções (TOASSA, 2012). Essas perturbações assumiam um caráter de simples “reflexos” fisiológicos, padronizados e involuntários, tais como vomitar colocando o dedo na garganta, lacrimejar cortando cebola, entre outros.

Invertendo nossa ideia corrente de que, por exemplo, primeiro percebemos algo que nos faz chorar para depois chorarmos, ou de que primeiro nos lembramos de algo comovente para depois sentirmos profunda comoção, o autor traz a hipótese de que “[...] nos lamentamos porque choramos, ficamos raivosos porque atacamos, temerosos porque trememos, e não que choramos, atacamos ou trememos porque nos lamentamos, estamos enraivecidos ou temerosos.” (JAMES, 1890, p. 189). Os movimentos corporais seguiriam a percepção do fato excitante; nossa sensação das mudanças é a própria emoção. Nesses termos, a maquinaria neural não passa de um “hífen” (termo de James) entre os arranjos materiais fora do corpo e sua função de determinar os impulsos à inibição ou descarga dentro dos órgãos. Em seu estilo cativante, James (1890, p. 190-191, tradução nossa) segue afirmando que

O amor do homem pela mulher, ou da mãe humana pelo seu bebê, nossa ira às cobras e nosso medo aos precipícios, podem ser descritos de forma semelhante, como exemplos do modo como as peças peculiarmente conformadas da mobília do mundo clamarão fatalmente pe-

las mais particulares reações mentais e corporais, antes, e muitas vezes, em oposição direta ao veredito de nossa voluntária razão a respeito delas. Os trabalhos de Darwin e seus sucessores estão apenas começando a revelar o parasitismo universal de cada criatura sobre outras coisas especiais, e a forma como cada criatura traz à cena a assinatura de suas relações especiais carimbadas em seu sistema nervoso⁵.

Os exemplos extraídos da nossa história evolucionária, criadora de certas “relações especiais” necessárias à conservação da vida (evitar perigos, buscar preservar-se, cuidar da prole ou se reproduzir, entre outras), traem a preocupação de James em sustentar a causalidade das emoções-padrão na evolução da espécie, mais do que na força da sociedade ou do ambiente. Se muitas situações de vergonha e insulto, entre outras, baseiam-se na convenção, as emoções-padrão explicam-se em função de uma tendência pré-estabelecida, inata, à descarga nervosa, que pode ser atrelada a muitas coisas novas. Nesses termos, James reduzia as emoções à mera percepção de sensações do corpo, em oposição às do mundo externo que se davam pelo paladar, tato, olfação, audição, visão. Ofertava, pois, um caminho para a fisiologia da época, fortemente concentrada na pesquisa dos cinco sentidos. As mudanças corporais poderiam ser percebidas antes mesmo de desencadeadas. Ao realizar esse tipo de reducionismo, James atém-se a relações lineares e sequenciais de causa-efeito que, como podemos constatar, minimizava o papel do sistema nervoso central na vida emocional. Conforme bem observado por Oliveira (2009), a crítica de Vigotski incide sobre o anti-historicismo cartesiano, presente em James.

James lembra como acreditamos que certas sequências de ideias encantam-nos, enquanto outras nos desagradam, sem o grau de sentimento suficiente para acelerar o pulso ou a respiração; de desencadear movimentos faciais ou corporais. Entretanto, o autor defende que esses sentimentos dependeriam apenas de centros cerebrais ideacionais, motivo pelo qual Vigotski (2004) enxerga dualismo na TPE. Não são poucas as

⁵ “The love of man for woman, or of the human mother for her babe, our wrath at snakes and our fear of precipices, may all be described similarly, as instances of the way in which peculiarly conformed pieces of the world’s furniture will fatally call forth most particular mental and bodily reactions, in advance of, and often in direct opposition to, the verdict of our deliberate reason concerning them. The labours of Darwin and his successors are only just beginning to reveal the universal parasitism of each creature upon other special things, and the way in which each creature brings the signature of its special relations stamped on its nervous system with it upon the scene.” (JAMES, 1980, p. 190-191).

incoerências de sua teoria das emoções, ao dar suporte à crença spenceriana na *superioridade evolucionária das emoções dos povos civilizados*. Vigotski (2004), a partir de Chabrier, discorre sobre a falsidade da ideia jamesiana de que a fome seja convertida em um sentimento elevado caso adquira um sentido religioso, de comunicação entre homem e Deus. Isso porque o contrário também ocorre: um sentimento religioso, em tese puramente “espiritual”, pode se apresentar como sacrifício canibal aos deuses.

Creio que o leitor apreciará o argumento de Vigotski: não é possível separar certa gama de sentimentos em “puramente físicos” ou “puramente espirituais/ideacionais”, assim como fechar os olhos à existência de paradoxos que mais aproximam, do que afastam, processos psicológicos de selvagens ou civilizados. Fazendo uso de um vocabulário bolchevique para negar a estratificação social das emoções, bem como a divisão dicotômica entre as corporais e as ideacionais, afirma Vigotski (2004, p. 213): “Não há sentimentos que por direito de nascimento pertençam à categoria superior, enquanto que outros estariam vinculados, por natureza, à categoria inferior.”⁶. Vigotski percebe que *corporal, inferior e incivilizado* eram ideias afins na obra de James. Entretanto, mostrar em termos científicos que as emoções são processos psicológicos que ocorrem no corpo e no cérebro, traduzindo-se nessa qualidade mais geral e equívoca que denominamos “mente”, demanda que LSV recorra a diversos domínios do conhecimento⁷.

Ao mergulhar nos dados experimentais e de estudos de caso clínico, o “*Teoria...*” marca-se pela interdisciplinaridade. Apresenta comentários extensos sobre a fisiologia das emoções, a psicopatologia clínica, a psicologia comparada de humanos e animais, além do modelo filosófico nelas aplicado. Já se buscava, na época, uma análise evolucionária do comportamento emocional, cujo pontapé inicial fora dado por ninguém mais, ninguém menos, que Charles Darwin (1934), com a publicação de “A expressão das emoções no homem e animais” [*The expression of the emotions in man and animals*]. Graças ao cientista britânico, para Vigotski

⁶ “no existe emoción que sea por naturaleza superior o inferior, como no existe emoción que sea por naturaleza independiente del cuerpo, que no esté unida a este” (VIGOTSKI, 2004, p. 213).

⁷ Vale notar, conforme mostra Wassmann (2014), que a “corporalização” das emoções na TPE foi um dos motivos para popularidade de James entre os leigos, mas lhe trouxe muitas críticas de cientistas respeitáveis de seu tempo: Wundt, Sherrington, Binet, e mesmo de um amigo, Carl Stumpf.

(2004), o capítulo referente à reação emocional dos animais e à sua evolução era o item que a psicologia desenvolvera com maiores detalhes.

Uma das fontes mais importantes para a negação da teoria periférica por LSV é a da psicopatologia clínica – fonte epistemológica que Vigotski, há alguns anos, buscava integrar à sua obra. Wilson (*apud* VIGOTSKI, 2004) descreve casos de pacientes neurológicos nos quais os comportamentos de rir ou chorar em nada correspondiam aos sentimentos vivenciados, havendo uma ausência de paralelismo, uma completa desconexão entre elementos mentais e corporais das emoções como efeito dos processos mórbidos; “Se observa neles uma expressão facial parecida com a de uma máscara, mas atrás da qual se mantém por completo o funcionamento normal das reações emocionais”⁸. (VIGOTSKI, 2004, p. 46, tradução nossa). O estudo das consequências das lesões em diferentes regiões do sistema nervoso central desmentia que este não tivesse participação tanto na expressões corporais quanto ideacionais das emoções.

Vigotsky descreve muitos estudos que mostram a importância da região antigamente chamada de “tálamo óptico” nas emoções, embora, conforme Guyton (1993), tal termo não seja mais usado na nomenclatura anatômica atual, que divide o tálamo em núcleos e não mais pela sua proximidade com outras estruturas (como o olho, o quiasma ou o nervo óptico).

Na época, descobria-se o que hoje está mais que confirmado: o tálamo é um centro importante de triagem inicial dos sinais sensoriais vindos das regiões baixas do sistema nervoso, como o mesencéfalo e a medula, interagindo estreitamente com o córtex (GUYTON, 1993). Vigotski mostra como a ação do tálamo pode ser, então, relativamente independente do que ocorre no corpo. Ele não é um simples elo de transmissão dessas sensações.

Vigotski, o “Mozart da Psicologia”, descreve então pesquisa clínica do neurologista H. Head sobre pacientes com lesões unilaterais no tálamo óptico. Em consequência destas, eles apresentavam uma hipersensibilidade emocional do mesmo lado do corpo em que o tálamo encontrava-se afetado. Outro grupo, mesmo com a musculatura facial paralisada, relatava continuar sentindo toda espécie de sentimento. Além de contribuírem com

⁸ “Se observa em ellos una expresión del rostro parecida a la de una máscara, pero tras la cual se mantiene por completo el funcionamiento normal de las reacciones emocionales” .

a descoberta da função do tálamo, ajudando a identificar o “espraiamento” das funções das emoções na mente e no corpo, esses estudos provavam a utilidade na associação de métodos objetivos e subjetivos na constituição de uma nova psicologia, conforme salienta Vigotski (2004)⁹.

Provava-se, também, que as sensações periféricas de emoções, exceto em condições muito especiais, não se identificavam com as vivências emocionais, levando o autor – junto de outros pesquisadores de sua época – a concluir que as sensações são apenas parte das nossas vivências. Ou seja, a despeito das conexões entre sensações específicas de sons, imagens etc e as emoções, conseguimos distinguir com clareza as “sensações” das “emoções”.

Cumpramos ressaltarmos o sentido filosófico dessas contribuições de Vigotski, para além da mera exposição de dados de pesquisa já fartamente comprovados, que não mais oferecem novidade, à luz do progresso das pesquisas sobre as emoções nas mais diversas disciplinas. O ponto central que se afirmava pela descoberta do papel do tálamo era de que as emoções são processos complexos, mesmo em uma perspectiva puramente neuropsicológica. Neste sentido, também estava claro que não era apenas a evolução da espécie a responsável pela determinação dos processos emocionais. Era de se supor a existência de mais causas interagindo com a evolução biológica do organismo humano. Aspectos que Vigotski considerava essenciais no estudo sobre as emoções, como a sua determinidade, estrutura e dinâmica, quase não eram problematizados. Urgia a necessidade de um monismo, pois a teoria James-Lange permanecia dualista; suas ideias sobre a relação corpo-mente eram incompatíveis com as novas descobertas em fisiologia e neurologia clínica. James reivindicava descendência intelectual para com a teoria da seleção natural, no que foi criticado por Vigotski, muito atento não à superfície da teoria periférica – fundada na interpretação de dados experimentais, essa “quintessência” da ciência moderna em seu tempo – mas sim às suas similaridades profundas para com o pensamento cartesiano.

Vincular James a Descartes e propor a superação deste bloco dualista pelo monismo espinosano, doutrina psicofísica que viria a se constituir na principal orientação filosófica para uma nova teoria das emoções,

⁹ Ex-aluno de James em Harvard, o fisiologista Walter Bradford Cannon (1871-1945) acaba por negar experimentalmente a teoria periférica das emoções, propondo a teoria talâmica em 1915 (TOASSA, 2012).

era a estratégia adotada por Vigotski (2004). Ele propunha-se a concretizá-la na segunda parte do *Utchenie ob Emotsiajakh*, que, infelizmente, para parafrasear Marx (1999), não foi legada sequer à crítica roedora dos ratos.

LSV procurava pintar um quadro do psiquismo em que as mudanças que constituíam os eixos natural e cultural do desenvolvimento são um processo único de formação biológico-social da personalidade da criança (VIGOTSKI, 1995). Adaptando de Toassa (2009): o *futuro da psicologia das emoções residia no desenho de um quadro único das manifestações da vida emocional humana*, vivenciais e comportamentais, e de seus processos de determinação biopsicossocial. O bielorrusso defendia a criação de uma psicologia geral, cujos conceitos contemplassem o que seria próprio do humano, humanamente universal. Emoções tão diversas quanto o medo dos animais e o amor de Dante Alighieri por Beatrice Portinari (VIGOTSKI, 2004) precisavam ter sua gênese esclarecida pela mesma teoria.

Frente à imensidão de dados dispersos e ideias confusas, Vigotski sustenta que “[...] os problemas não resolvidos pela crítica e a nova teoria, dos quais acabamos de falar, constituem tarefas que na aparência não são possíveis de cumprir antes de muitos anos, com extensas e sérias investigações.” (2004, p. 55, tradução nossa)¹⁰, que já atravessavam diversas áreas do conhecimento – vindo, no futuro, a assumir um perfil interdisciplinar.

A primeira tarefa, que ele próprio realizava, era compilar e relacionar o material fático sem coordenação, expondo a luta de ideias filosóficas por detrás das psicológicas. Parafraseando Engels, Vigotski (2004) afirma que, quisessem ou não os naturalistas, eram os filósofos que os guiavam. Tropeçava-se na míngua de compreensão do sistema nervoso do início do século XX: caberia mais formular ideias para as direções futuras da pesquisa do que tecer afirmações seguras sobre o assunto. Vigotski não esclareceu quais seriam as tarefas pendentes, mas o vigor de sua crítica à TPE e o número de campos pelos quais transita em sua “*Teoría...*” mostram um grande projeto para uma nova ciência das emoções, que não se detinha apenas nos limites da psicologia, mas refletia a emergência de um trabalho interdisciplinar. É para suprir essa lacuna que nos aproximamos de Kagan (2007).

¹⁰ “Es verdade que los problemas no resueltos por la crítica y la nueva teoría, de los que acabamos de hablar, constituyen tareas que en apariencia no es posible cumplir más que al cabo de muchos años, y gracias a extensas y serias investigaciones”.

2 AS EMOÇÕES COMO OBJETO INTERDISCIPLINAR: JEROME KAGAN

Oitenta e quatro anos depois do *Teoría de las emociones*, tanto as ciências médicas e biológicas quanto as humanas evoluíram muito, com significativas transformações das metodologias de pesquisa. Nesse quadro, Kagan, embora seja um dos principais nomes da psicologia do desenvolvimento americana, é cientista pouco estudado no Brasil. O livro “*What is emotion?...*” foi citado em nosso país apenas por Toassa (2011), sendo identificadas outras 216 citações no Google Acadêmico em qualquer idioma, em pesquisa realizada a 07/12/2017.

Enxergar semelhança entre algumas de suas ideias e as vigotskianas parece, à primeira vista, historicamente insólito, pois Kagan (2007) não procura embasar-se em qualquer psicologia soviética. Tampouco defende a necessidade de que Espinosa seja elevado ao prosclênio da pesquisa neurocientífica, como o fez Vigotski. Mas um diálogo de Kagan com a psicologia de LSV pode ser estabelecido, em princípio, sobre duas bases comuns: 1) o problema da definição das emoções como processos complexos e multi-determinados; 2) a valorização da interdisciplinaridade e da multiplicidade dos métodos de pesquisa no campo das emoções.

Kagan (2007) destaca-se pela crítica e cuidadosa reflexão metodológica, criticando os equívocos criados pelo darwinismo social nos estudos contemporâneos sobre as emoções. Caracteriza-se por uma ampla compreensão dos mais diversos métodos de pesquisa sobre o tema, incluindo as possibilidades e limites das técnicas de neuroimagem – não raramente fetichizadas em nosso tempo. Integrando muitos dados (à primeira vista, divergentes), numa abordagem complexa sobre o desenvolvimento humano, o autor mostra, por exemplo, os erros existentes na dicotomia entre inato e adquirido para explicação das origens do psíquico. Argumenta que o estudo das emoções não amadureceu o suficiente para se adquirir confiança em um grande número de premissas (KAGAN, 2007) – afirmação semelhante à de Vigotski, que nada conheceu da recente avalanche de trabalhos sobre emoções.

O cientista critica, também, as repetidas tentativas de definir quais seriam as emoções básicas de nossa espécie – ou seja, emoções mais simples e universais, com raízes biológicas inequívocas, das quais derivam todas as outras – ao longo da história da psicologia. Segundo ele, falta a essas tentativas

elementos de reflexão e autocritica acerca de suas próprias fontes culturais, uma vez que as emoções “eleitas” sempre são aquelas consideradas mais relevantes na cultura específica do pesquisador, sem fazer exceção mesmo às tão prestigiadas emoções básicas de Ekman¹¹. Para Kagan, um julgamento ético sutil permeia o contraste entre emoções positivas e negativas.

Em seu Capítulo 2, Kagan (2007) disserta longamente sobre as vicissitudes das tentativas de classificar as emoções, as quais não costumam levar em conta que a ideia de emoção humana na psicologia das últimas décadas é a de um constructo que se refere a quatro fenômenos imperfeitamente relacionados: 1) uma mudança no perfil da atividade cerebral (*brain profile*) para selecionar incentivos (recompensas, punições); 2) uma mudança conscientemente detectada no *sentimento* (*detected feeling*), com qualidades sensoriais identificáveis; 3) processos cognitivos que interpretam e/ou rotulam o sentimento com palavras (*appraisal*), ou seja, a *emoção atribuída de sentido*; e 4) uma prontidão (*preparedness*) para uma resposta comportamental, ou uma demonstração nesse sentido (KAGAN, 2007, p. 23). Kagan desafia as interpretações mais rasteiras da neuroimagem ao observar que pode haver mesmo desencontros entre o perfil cerebral e as emoções relatadas: um mesmo perfil identificado na neuroimagem pode levar a um amplo leque de rótulos linguísticos para o estado emocional do sujeito.

Conforme vimos anteriormente, à época de Vigotski (2004) a psicopatologia clínica das emoções, ainda longe do refinamento de traçar perfis de atividade cerebral, começava, no entanto, a perceber como o item 4 (as expressões faciais de riso ou pranto) podiam desencontrar-se do item 2, o sentimento. Em outro texto (VIGOTSKI, 1991), enunciou mais claramente a importância da avaliação/interpretação cultural para a definição da natureza de um sentimento.

Kagan (2007) acredita que futuros investigadores elaborarão diferentes constructos para componentes separados da estrutura que caracteriza a emoção, na esteira dos antigos gregos, que separavam a taquicardia e o calor facial após um insulto, das emoções de raiva e vingança subsequentes à avaliação do sentimento corporal. Em relação com os quatro fenômenos acima descritos, esses futuros constructos precisariam, por exemplo, sepa-

¹¹ São elas: medo, raiva, nojo, surpresa, tristeza e felicidade, classificação baseada em pesquisas do cientista sueco Paul Ekman (nascido em 1934) nos anos 1970, sob forte influência da antiga noção darwinista de reflexos da espécie – atualizados no termo “programas afetivos centrais” (TOASSA, 2009).

rar um *primeiro grupo* de respostas a expressões faciais na forma de estados/padrões cerebrais consistentes, sem que o sujeito perceba nenhuma mudança no sentimento, de um *segundo grupo* de estados, acompanhados de comportamentos involuntários ou respostas autonômicas, de um *terceiro grupo* que resulta também em sentimentos detectados, mas não interpretados, de um *quarto grupo* envolvendo também a interpretação; e um *quinto grupo*, englobando todos os fenômenos: um estado cerebral, um sentimento detectado, uma avaliação e uma resposta¹².

Kagan observa que indivíduos usam rótulos diferentes para estados corporais semelhantes – por exemplo, após uma injeção de epinefrina, que causa mudanças detectáveis da atividade cerebral – dependendo do contexto no qual se encontram. Ao constatar a existência de um dos quatro fenômenos especificados, não podemos ter, portanto, certezas absolutas sobre os demais. A existência desses itens mostrava, assim, a existência de conexões mente-corpo mas, ao contrário do que supunha James, a resposta comportamental não é o primeiro, mas sim o último elo da cadeia de relações psicológicas cujos componentes são bastante complexos. Assim, em sua teoria, não há uma “desconexão” mente-corpo, mas sim a existência de níveis gradativos de implicação psicofísica em um oceano de manifestações não rotuladas pela linguagem, tal como observa Engelmann (1978). Não há correspondência unitária entre emoção e palavra, o que nos remete à persistente impressão de não conseguirmos traduzi-las em sua totalidade, no discurso verbalizado. Isto afirma Toassa (2014) sobre Vigotski.

A despeito de os quatro componentes acima especificados serem encontradiços em diversas teorias psicológicas, Kagan (2007) nota, com justeza, que cada perspectiva psicológica varia na significância e nomenclatura atribuídas aos componentes (o norte-americano denomina “sentimento” ao segundo componente e “emoção” ao terceiro). Nos encontros e desencontros dos componentes, os mesmos padrões de neuroimagem não significarão necessariamente a associação de todos eles, nem influenciarão igualmente o pensamento e as relações interpessoais. Ou seja, não estamos diante de uma simples combinação de fatores neutros, mas sim de

¹² Hoje, de forma imprecisa, essas diferentes fontes de dados são descritas, por exemplo, com o rótulo “ansiedade”, tanto mediante o encontro com estranhos quanto a ativação da amígdala – estrutura anatômica do sistema nervoso central, cuja atividade pode ser identificada na neuroimagem – perante caras raivosas.

processos complexos, cuja multicausalidade é evidente, comportando um elemento difuso, imprevisível, próprio da relação de pessoas com as situações, e não animais com seu ambiente. A ansiedade humana, por exemplo, não é ativação de um circuito cerebral (e muito menos corporal, tal como defendia James), mas produto da interpretação simbólica de uma mudança do sentimento. Entre outras causas, isso ocorre porque o tálamo, em seres humanos, estabelece conexão entre as sensações do corpo e as funções avaliativas do lobo frontal, “filtrando” e moderando essas sensações, tal como as pesquisas clínicas do tempo de Vigotski (2004) começavam a identificar.

Entretanto, esses quatro fenômenos da emoção e suas relações não nascem prontos. O autor observa que as nossas diferenças com relação a outras espécies vão se avolumando com a idade: para ele, as reações comportamentais iniciais da criança pequena a incentivos de cunho emocional são

[...] ou respostas biologicamente preparadas ou hábitos adquiridos, e as respostas são signos de uma mudança no estado interno que é isenta de avaliação. A imaturidade estrutural do cérebro do bebê significa que as emoções que requerem pensamento, como culpa, orgulho, desespero, vergonha, e empatia, não podem ser experimentadas no primeiro ano de vida porque as habilidades cognitivas necessárias para sua emergência ainda não se desenvolveram (KAGAN, 2007, p. 30).¹³

Descrevendo processos básicos de desenvolvimento da espécie e dos indivíduos humanos, o autor faz uma crítica ácida à transposição de termos da pesquisa de animais para humanos, algo que ocorre rotineiramente entre pesquisadores da etologia, psicologia comparada e disciplinas afins. Tais estudiosos costumam aceitar como verdade absoluta a hipótese de Darwin acerca de uma estreita continuidade entre humanos e animais; como William James, confiam ainda hoje na simplicidade, na facilidade apresentada pela pesquisa baseada em modelos animais (fundamentais no teste de novos fármacos, interesse maior da bilionária indústria da doença) e equiparação entre espécies. Ao lembrar que, no Renascimento, os sábios

¹³ [...] either biologically prepared responses or acquired habits, and the responses are signs of a change in internal state that is free of appraisal. The structural immaturity of the infant brain means that the emotions that require thought, such as guilt, pride, despair, shame, and empathy, cannot be experienced in the first year because the cognitive abilities necessary for their emergence have not yet developed. (KAGAN, 2007, p. 30).

consideravam que uma planta em formato de coração era dotada de propriedades terapêuticas para doenças cardíacas, Kagan alerta para o perigo das aparências ao observar que diferimos de outros grandes primatas antropóides (como chimpanzés e bonobos) por características como a habilidade de recordar um passado distante, antecipar um futuro longínquo, inferir pensamentos alheios, avaliar nossa própria personalidade com relação à de outros, comunicarmo-nos linguisticamente. Ademais, enquanto os nossos parentes primatas avaliam apenas seu ambiente imediato, nós somos capazes de nos situar racionalmente em um meio social maior: por exemplo, se eu sou um estudante com desempenho mediano em uma boa escola de ensino médio, tendo a estar mais seguro sobre minhas possibilidades de acesso à universidade do que um excelente estudante de uma péssima escola. Neste sentido, o autor desdenha das inúmeras tentativas de buscar circuitos cerebrais fundadores do medo ou ansiedade independentemente da causa, empreitada infrutífera que traduz a ancestral verdade de Confúcio: “O mais difícil de tudo é encontrar um gato preto em uma sala escura, especialmente se não houver gato algum.” (KAGAN, 2007, p. 60)¹⁴.

Conforme Kagan, essa insistência em um localizacionismo estreito, em uma suposta relação unívoca entre certos padrões neuroquímicos ou neurofisiológicos e vivências de medo, alegria, raiva – independente de gênero, idade, classe, genoma – acaba por construir crenças equivocadas do público em geral em um determinismo biológico, o qual peca, necessariamente, pela supersimplificação das concepções sobre a natureza humana, bem como pelo incentivo à falta de responsabilidade dos indivíduos sociais com relação às suas próprias ações. Não obstante, nossa vida emocional não é um simples efeito das crenças sociais; seus argumentos em favor das diferenças humanos-animais ganham força justamente por se pautarem em uma cuidadosa leitura da biologia humana, sem reduzir os fenômenos próprios das emoções à simples discursividade. Como Vigotski, Kagan busca pintar um quadro amplo das manifestações pertinentes às emoções, considerando suas características próprias no quadro mais geral das funções mentais, cuja raiz inicial está na evolução de nossa espécie. O potencial crítico de “*What is emotion...?*” ao darwinismo social é o de quem não deixa de considerar os quatro fenômenos relativos à emoção como processos a

¹⁴ “The hardest thing of all is to find a black cat in a dark room, especially if there is no cat.”

serem compreendidos em suas bases biológicas, as quais explicam, para o autor, parte da variação individual da nossa vida afetiva.

Tal como almejava Vigotski (2004), Kagan reconhece o importante papel da sociedade, história e cultura nos processos dinâmicos que caracterizam nossas emoções. Esse papel é melhor desenvolvido nos capítulos três e quatro. Fazendo a conexão entre nosso ser sociocultural e sua biologia, o autor afirma:

Embora cada emoção origine-se na atividade cerebral, cada qual é, antes de tudo, um fenômeno psicológico subdeterminado por um estado cerebral pois cada perfil cerebral pode dar origem a um conjunto de emoções. A emoção específica que emerge depende da situação e sempre da história e biologia da pessoa (KAGAN, 2007, p. 1-2).¹⁵

Uma mudança no sentimento pode ser percebida e descartada, ou escrutinada e nomeada. Nesse ato, para Kagan (2007, p. 42), as palavras que utilizamos sofrem a influência do contexto imediato, ações ou pensamentos contínuos, os discursos e a *folk theory* (a psicologia do cotidiano, psicologia ingênua ou teoria popular corrente sobre os processos mentais).

Chama-se, portanto, atenção à unicidade das vivências emocionais, muito além de sua compreensão como supostos padrões fixos da espécie: segundo o autor, é diferente a emoção identificada como “*stress*” se ela decorrer de uma prisão por razões políticas ou por se ter violado uma lei para obter vantagem própria. A interpretação do sentimento pode conter percepções ambíguas – tal como mostrou a Psicologia da Gestalt nos experimentos sobre a percepção de objetos externos, também o vocabulário para emoções pode ser polissêmico, variado, impreciso. Antecipando essas noções, Vigotski (1996) notou que a autoconsciência da criança é perpassada pela atribuição de sentido dela às próprias vivências, baseada em significações consubstanciadas na língua.

Porém, há marcantes diferenças entre conceitos relativos a objetos externos ou a emoções, a começar por uma das características fundamentais da classificação das emoções: sua origem. Segundo Kagan (2007)

¹⁵ “Although every emotion originates in brain activity, each is first and foremost a psychological phenomenon that is underdetermined by a brain state because each brain profile can give rise to an envelope of emotions. The specific emotion that emerges depends on the setting and always on the person’s history and biology.” (KAGAN, 2007, p. 1-2).

enquanto o significado de “maçã” contempla uma representação de forma, cor, textura, gosto e apenas secundariamente de sua “origem” em uma árvore, o entendimento de uma palavra emocional requer uma ideia da causa do sentimento fundante. É preciso acrescentar a razão, ou causa, dos sentimentos corporais, relacionando-os à sua fonte externa (como objetos, eventos, atos de outros sujeitos). O contexto local influencia muito a escolha de palavras, conquanto Kagan alerte para o fato de os sentimento serem dinâmicos, instáveis; não obstante os termos para emoções sejam estáveis, “congelados”, não capturando essas qualidades tão típicas. Como Kagan (2007, p. 22):

Emoções são como a temperatura. Sempre há alguma forma dela, mas premiamos com *status* especial os arranjos singulares, pouco frequentes, de umidade, temperatura e velocidade do vento chamados furacões, nevascas e tempestades elétricas.¹⁶

Para caracterizar emoções relativas a um ato flagrantemente sócio-político, como a violação de uma norma comunitária ou privada, é preciso ainda especificar se o evento que desencadeou o sentimento foi voluntário ou não, prejudicou ou não a outros, se era conhecido por outros ou apenas por quem o realizou. Só isso cria oito emoções diferentes, sendo que o inglês teria apenas três palavras para rotulá-las: *embaraço*, *vergonha* e *culpa* (*embarrassment*, *shame* ou *guilt*), lembrando-nos muito da célebre “árvore dos afetos” de Espinosa, autor tão ao gosto de Vigotski¹⁷.

Em alguns tópicos, Kagan explica as relações entre alterações encefálicas e a culturização do cérebro ao longo do desenvolvimento, em uma exposição similar à psicologia histórico-cultural de Vigotski e Luria pelo uso de conhecimentos de diversas ciências. Afastando-se do binômio estímulo-resposta que permeia diversas teorias sobre as emoções, binômio este tão criticado por Vigotski (1995, p. 62), Kagan concentra-se nos processos conceituais e de julgamento fundadores dos estados emocionais e de suas repercussões nas relações sociais, para além da condição de mera resposta

¹⁶ “Emotions are like the weather. There is always some form of weather, but we award special status to the infrequent, distinct arrangements of humidity, temperature, and wind velocity called hurricanes, blizzards, and thunderstorms”

¹⁷ Das afecções que nascem do desejo, alegria e tristeza, afecções que se costuma designar por diversos nomes, segundo suas diversas relações extrínsecas (ESPINOSA, 2008).

a estímulos padronizados. Defende o caráter estrutural das emoções, nelas integrando muitas dimensões da vida emocional e estudos sobre os seus diversificados impactos nos pensamentos, decisões e atos individuais de acordo com diferentes culturas e comunidades. Com isso, avança muito na compreensão das emoções como componentes de um cérebro sujeito a transformações culturais diversas.

Por fim, Kagan reconhece ainda, no Capítulo Quatro, que uma das especificidades da sociedade humana está em selecionar certas características como sinais de *status*, fato que contribui de forma decisiva para a autodefinição identitária das pessoas – assim, como afirmaria Vigotski (1999a), as emoções ligadas a essas características são as mais profundas, intensas; as que estão propriamente no centro da personalidade. O autor observa que pertencer a uma classe social baixa, por si só, tem poderosos efeitos negativos para nossa vida mental¹⁸. De modo geral, mostra resultados de pesquisa que indicam o quanto sermos identificados com características socialmente desejáveis – especialmente aquelas relativas à classe social, gênero, cultura – são importantes na saúde mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos estudos sobre as emoções, Vigotski visualizava uma psicologia que deveria participar de uma grande “divisão de trabalho” entre as ciências, ainda demasiado imaturas para dar origem a uma teoria mais consistente. Mais de oitenta anos depois, muito se pesquisou sobre a temática: tornou-se desafiador até mesmo selecionar um *corpus* de pesquisa, quanto mais formular algum juízo sobre o enorme número de trabalhos publicados.

Em seu manuscrito inacabado *Teoría de las emociones*, Vigotski faz a crítica à teoria periférica das emoções, ou teoria James-Lange, permeada

¹⁸ Fato que, no século XIX, favoreceu explicações fundadas na hereditariedade para explicar os sucessos de algumas classes em contraste com os fracassos de outras. “Evolutionary ideas answered this social need by suggesting that many of the disadvantaged who lived in squalor were biologically less fit. This interpretation freed some emotions from their traditional semantic link to ethical concepts and implied a biological basis for variation in emotional propensities. The middle class, it was presumed, possessed an inherently superior ability to control intense anger, carnal desire, and temptations to drink excessively, as well as an enhanced capacity for joy while working toward a future goal, pride following accomplishment, and guilt over violating ethic norms.” (VIGOTSKI, 1999a, p. 151).

pelo simplismo de procurar reduzir toda a riqueza e diversidade da vida emocional humana à mecânica evolucionária, padronizada, do comportamento reflexo. James reduzia as emoções às meras sensações do corpo, e, ao separar essas “emoções-padrão, corporais” das “elevadas, espirituais”, fundamentava-se em uma compreensão de que o sistema nervoso central fosse um mero receptor das sensações do corpo, sem exercer papel relevante nas emoções-padrão. Nessas ideias, é possível identificar ressonâncias tanto do darwinismo social de Spencer quanto da trajetória religiosa de James.

É com base em uma combinação de dados experimentais e clínicos que Vigotski defende uma leitura multideterminada e dinâmica das emoções humanas, sem o hiato entre as “corporais” e “espirituais” estabelecido por James. Seria necessário uma combinação de métodos de pesquisa para desenhar um quadro único das emoções humanas, envolvendo aspectos vivenciais e comportamentais que levassem em conta o desenvolvimento como um processo único de formação biológica e social da criança.

Kagan (2007) mostra avanços muito significativos em uma ciência interdisciplinar das emoções ao refletir tanto sobre pesquisas experimentais quanto trabalhos antropológicos e filosóficos, advogando em favor da separação dos quatro fenômenos tradicionalmente associados às emoções na psicologia: perfil neuronal, sentimento detectado, atribuição de sentido e prontidão para resposta, defendendo uma análise circunstanciada das emoções para superar a inadequação contemporânea dos conceitos. Ao invés de, tal como James, pretender uma descendência direta com relação ao pensamento darwiniano, integra contribuições de diversas áreas do conhecimento, transcendendo os estreitos limites do darwinismo social.

Esses quatro fenômenos refletem níveis diversos de mobilização do indivíduo no decorrer do cotidiano, já que as emoções não são fenômenos pontuais, mas funcionam como a “temperatura” do indivíduo psicológico. Kagan sustenta de forma rigorosa a multicausalidade das emoções, construindo um modelo alternativo para compreensão delas, que comporta um elemento difuso, singular, imprevisível, próprio da relação de pessoas com situações – não animais e seu legado evolucionário em certo ambiente imediato. Kagan refuta as analogias simplistas que equiparam nossa espécie às demais, trazendo luz à análise do desenvolvimento pelo qual as emoções da criança começam a sofrer a influência da cultura. O autor ainda observa como os modos pelos quais parâmetros sociais essenciais em nossa

autodefinição identitária – como gênero, classe social, idade – influenciam de forma decisiva a natureza das emoções que vivenciamos. Embora também polissêmicos e sujeitos às interpretações ambíguas, tais como nossos conceitos sobre os objetos externos, diversos conceitos utilizados para interpretar e generalizar emoções implicam-se em formas complexas de avaliação ético-política que compõem nossas emoções de forma estrutural, mostrando como nossa essência não é padronizada nem feita de uma carne impensada e não-pensante. As ideias de Kagan em muito contribuem para percebermos o quanto Vigotski era um autor muito à frente de seu tempo. Assim, reitero a noção de que uma perspectiva vigotskiana sobre as emoções envolve uma análise estrutural e funcional das emoções,

[...] identificando suas funções nas diversas modalidades de linguagem; as manifestações em cada uma, configurando complexos estruturais distintos, pois não são puramente subjetivas nem objetivas: produzem um e outro tipo de manifestação (vocabulário específico, entonação, gestualidade, mímica, ritmo; pontuação, descrição verbal, versificação e outros recursos escritos); dependem das circunstâncias de sua produção, influenciando a dinâmica de poder em diversas formas de relação social (de trabalho, namoro, amizade etc). (TOASSA, 2009, p. 310).

REFERÊNCIAS

- ALIC, M. *Kagan, Jerome (1929-)*. [S. l.]: Encyclopedia of Psychology, [20-?]. Disponível em: http://findarticles.com/p/articles/mi_g2699/is_0005/ai_2699000518. Acesso em: 25 nov. 2008.
- DARWIN, C. *The expression of the emotions in man and animals*. London: John Murray, 1872.
- ENGELMANN, A. *Os estados subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais*. São Paulo: Ática, 1978.
- ESPINOSA, B. *Ética*. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2008.
- GUYTON, A. C. *Neurociência básica: Anatomia e fisiologia* (2a ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.
- JAMES, W. *The principles of psychology*. [S. l.: s. n.], 1890. Disponível em: <http://psychclassics.yorku.ca/James/Principles/index.htm>. Acesso em: 10 abr. 2009.
- JAMES, W. What is an emotion? In: LANGE, C. G.; JAMES, W. *The emotions*. New York: Hafner, 1967. p. 11-30.

KAGAN, J. *What is emotion?: history, measures and meanings*. New Haven: Yale University Press, 2007.

LEONTIEV, A. A. The life and creative path of A. N. Leontiev. *Journal of Russian and East European Psychology*, Armonk, v. 43, n. 3, p. 8-69, Dec. 2005.

MARX, K. Para a crítica da economia política. In: MARX, K. *Marx*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 25-54.

OLIVEIRA, F. B. *O Espinosa de Vigotski: o problema das emoções*. Campinas: Faculdade de Educação; UNICAMP, 2009. Mimeografado.

SECH JÚNIOR, A. *O empirismo radical e os estados excepcionais da consciência para uma ciência da mente em William James*. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2010.

TOASSA, G. *Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural*. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TOASSA, G. *Emoções e vivências em Vigotski*. Campinas: Papyrus, 2011.

TOASSA, G. Vigotski contra James-Lange: crítica para uma teoria histórico-cultural das emoções. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 91-110, jan./mar. 2012.

TOASSA, G. Relações entre comunicação, vivência e discurso em Vigotski: observações introdutórias. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 39, p. 15-22, dez. 2014.

VIGOTSKI, L. S. Sobre los sistemas psicológicos. In: VIGOTSKI, L. S. *Obras escogidas*. Madrid: Visor, 1991. p. 71-93.

VIGOTSKI, L. S. Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: VIGOTSKI, L. S. *Obras escogidas*. Madrid: Visor, 1995. p. 11-340.

VIGOTSKI, L. S. La crisis de los siete años. In: VIGOTSKI, L. S. *Obras escogidas*. Madrid: Visor, 1996. p. 377-386.

VIGOTSKI, L. S. Conferências sobre psicologia. In: VIGOTSKI, L. S. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1999a. p. 3-131.

VIGOTSKI, L. S. The teaching about emotions: historical-psychological studies. In: *The collected works of L. S. Vygotsky*. New York: Kluwer Academic: Plenum, 1999b. p. 71-235.

VIGOTSKI, L. S. Lev S. Vigotski: manuscrito de 1929. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 21, n. 71, p. 21-44, jul. 2000.

VIGOTSKI, L. S. *Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico*. Madrid: Akal, 2004.

WASSMANN, C. Picturesque incisiveness: explaining the celebrity of James's theory of emotion. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, New York, v. 50, n. 2, p. 166-188, Mar. 2014.

YAROSHEVSKY, M.G. Notes. In: *The collected works of L. S. Vygotsky*. New York: Kluwer Academic: Plenum, 1999. p. 269-277.